



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

ANA CLÁUDIA CAVALCANTE NASCIMENTO
THAMIRES TAMARES DOS SANTOS SILVA

RELATÓRIO TÉCNICO DE PRODUTO MUDIÁTICO:
REPORTAGEM ESPECIAL SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER - MARIA BONITA

CAMPINA GRANDE – PB

2014

ANA CLÁUDIA CAVALCANTE NASCIMENTO
THAMIRES TAMARES DOS SANTOS SILVA

RELATÓRIO TÉCNICO DE PRODUTO MUDIÁTICO:
REPORTAGEM ESPECIAL SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER -
MARIA BONITA

Relatório técnico apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^aMa. Maria do Socorro Tomaz Palitó Santos

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244r Nascimento, Ana Cláudia Cavalcante
Relatório técnico de produto midiático [manuscrito] :
reportagem especial sobre a violência contra a mulher - Maria
Bonita / Ana Claudia Cavalcante Nascimento, Thamires Tamares
dos Santos Silva. - 2014.
39 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Maria do Socorro Tomaz Palitó
Santos, Departamento de Comunicação Social".

1.Reportagem. 2. Mulher. 3. Violência Sexual. 4. Produto
midiático. I. Título.

21. ed. CDD 070.43

ANA CLÁUDIA CAVALCANTE NASCIMENTO
THAMIRES TAMARES DOS SANTOS SILVA

RELATÓRIO TÉCNICO DE PRODUTO MIDIÁTICO:
REPORTAGEM ESPECIAL SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER -
MARIA BONITA

Aprovado em: 28/07/2014

BANCA EXAMINADORA

Maria do Socorro Tomaz Palitô Santos
Profª. Ma. Maria do Socorro Tomaz Palitô Santos/UEPB
Orientadora

Arão de Azevedo Souza
Prof.º. Me. Arão de Azevedo/UEPB
Examinador

Luiz Barbosa Aguiar
Prof.º. Esp. Luiz Barbosa Aguiar /UEPB
Examinador

CAMPINA GRANDE-PB

2014

Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão, um dia me disseram quem eram os donos da situação, e tudo ficou tão claro o que era raro ficou comum. A vida imita o vídeo, garotas inventam um novo inglês, vivendo num país sedento um momento de embriaguez, mas somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter e teremos. Sim. Sonharemos até o fim de nossas vidas

(Somos quem podemos ser – Engenheiros do Hawai)

AGRADECIMENTOS

Certa vez foi dito de uma pessoa querida – Eu tenho muitos sonhos. Ele teve como resposta – sonhos são bobagens. Eu tenho objetivo e ele retrucou: Mas, então responda-me o que seria de nossas vidas sem os sonhos?

Há quatros anos atrás concluíamos o ensino médio e sonhávamos com a universidade, com o curso que sempre almejamos. Desejávamos o título de Bacharel em Comunicação Social e nem imaginávamos que ser jornalista não era apenas ser um rosto bonito na frente das câmeras, tampouco escrever boas redações e ter uma voz bonita.

Obtivemos a tão sonhada aprovação no vestibular, aprendemos com nossos mestres os desafios e virtudes de ser comunicador. Vivenciamos cada etapa, às vezes, é certo, com um pouco de desinteresse, mas ainda com a esperança de que poderíamos contribuir, através dos conhecimentos adquiridos com uma sociedade mais centrada na informação, não apenas pura, mas dotada de responsabilidade.

Que dádiva divina. A resposta aos nossos sonhos, acreditamos que vem do alto e é para lá que enviamos os nossos primeiros agradecimentos. Dedicamos ao pai celeste essa nossa conquista. Por todas as vezes que nos segurou pela mão e sussurrou em nosso ouvido: Vai dar tudo certo. Por todas as orações atendidas, Por todas as vezes que perdoou as nossas falhas enquanto seres humanos, pecadores.

Sabemos que o pilar de sustentação é a nossa família, por isso, nos falta palavras para agradecer tudo que fizeram e ainda fazem em nome da nossa educação e do nosso caráter.

Agradecemos as nossas mães, anjos, seres humanos maravilhosos, que pegaram em nossas mãos desde a primeira vez que fomos à escolinhado ensino infantil. A mãe maravilhosa Marilene Alves, a mulher mais guerreira que conheço, que vibra, chora e ora a cada conquista minha. A que liga manhã, tarde e noite para saber se me alimentei bem, se dormi, se estou cansada ou doente. Agradeço por ter pegado em minha mão e me ensinado a cobrir as vogais quando eu ainda nem sonhava em ir à escola. Agradeço por todas as lágrimas que derramaste seja de alegria ou preocupação. Obrigado pelo colo, pelo seu cheiro, pelo maior e melhor abraço do mundo, obrigado por ser minha amiga, meu anjo protetor, minha vida, porque eu não teria chegado até aqui sem você.

À Mônica Silvana, por sempre ter me protegido e me incentivado, tentando me fazer acreditar em minha capacidade. Obrigada pelos “puxões de orelha” que também são prova do seu amor e cuidado. Tudo o que eu tenho é teu, mãe. Te amo!

Aos nossos pais, Francisco Perácio homem de fibra, lutador, aquele que fez de minha educação um exemplo de superação. Obrigado por todas as vezes que exigiu o melhor de mim. Perdoa-me por todas as noites que te deixei com insônia, por todos os dias que te liguei dizendo que não ia conseguir que estava sem dinheiro e que queria voltar para casa. Obrigado por todas as vezes que te fiz encher a boca e o coração de orgulho. Eu te amo.

A Givanildo Raposo, um homem dedicado e que nunca mediu esforços para que suas filhas tivessem uma boa educação e um bom lar. Muito obrigada por me apoiar quando escolhi o jornalismo e por me dar forças durante a caminhada na graduação. És a minha maior influência.

Não podemos esquecer os nossos irmãos. A Thaise Tainá dedico todo o meu esforço em mostrar que estudar vale a pena. Agradeço por todas as vezes que ligou para saber se estou bem, por todas as unhas roídas de preocupação e todos os abraços carregados de saudade de amor a cada fim de semana em que visitei minha cidade e o meu lar. À Yasmin Raposo, que diz “Minha irmã vai ser a repórter mais linda”, me fazendo rir.

Para chegar até aqui trilhamos um longo caminho e durante a nossa caminhada carregamos na bagagem conhecimentos adquiridos através da sabedoria dos nossos mestres, desde o primeiro, o mais simpático, o mais exigente, o que implicava. Todos eles fizeram parte da construção da nossa personalidade enquanto estudante, por isso agradecemos em especial a todos os nossos professores do ensino infantil, fundamental e médio, em especial a Elisete Dantas uma das maiores incentivadoras do eu os universitária. Agradeço por ter sido professora, amiga e companheira, por toda a ajuda financeira e moral. É bom saber que alguém que participou da sua formação acredita em suas capacidades.

Aprendemos que a vida de um jornalista não é fácil. Logo no primeiro ano enfrentamos a decisão do Supremo Tribunal que cassou a obrigatoriedade do nosso diploma, deixávamos nossas casas, compartilhamos momentos de angústias e saudade para os que moram em outras cidades.

Eu, Thamires, venho lá do sertão, a minha querida cidade Santa Luzia dedico essa conquista e meu orgulho por ser mais uma filha da terra a ter honrado o compromisso com a educação. Agradeço a todos de lá que torceram por mim e agradeço principalmente aos que torceram contra, aos que disseram que eu não ia conseguir por ser de uma família humilde, quero dizer que perdoei todos, por todas as palavras desmotivadoras, elas também foram importantes para não me fazerem desistir e hoje eu estou aqui para dizer. Eu consegui.

Passamos noites em claro preocupadas com as provas dos nossos professores “carrascos” que na verdade eram nossos melhores conselheiros e um deles sempre dizia: Essa

turma só tem bons alunos, vejo um futuro muito promissor para todos. Agradecemos todo o apoio dado no início do curso pelo professor Moisés.

Agradecemos com os olhos cheios de lágrimas a nossa mãe na universidade, a nossa querida orientadora Maria do Socorro Tomaz Palitó Santos dedicamos muito mais que os nossos conhecimentos enquanto jornalista. Dedicamos nosso amor, nossa gratidão, os nossos mais nobres dos sentimentos, porque Socorro é como uma flor que merece ser regada com a água mais cristalina da terra. É uma mulher forte, batalhadora e a ela pedimos perdão pela falta nas aulas, por alguma crítica que a tenha deixado magoada e se em algum momento não fomos as alunas mais perfeitas, perdoa-nos também, mas queremos expressar aqui todo o nosso orgulho em tê-la como orientadora do nosso TCC, por caminhar junto conosco na construção da nossa Maria Bonita, ela sabe que o que sentimos por ela tatuagem nenhuma é capaz de marcar tão profundamente.

Aos demais professores, guardamos um abraço fraterno de gratidão por todos os ensinamentos. Agradecemos a nossa banca examinadora pela disposição em ler e assistir com atenção meses de leituras e preparação para o resultado deste produto.

Agradecemos a Universidade Estadual da Paraíba pela oportunidade de crescimento. Por todos os projetos de extensão que nos proporcionaram a prática do jornalismo, por todos os eventos os estágios. Ao Repórter Junino pelo grandioso aprendizado, um projeto que vai deixar saudades, mas que esperamos que cresça cada vez mais. Chegamos ao departamento de Comunicação meninas, cheias de sonhos e hoje saímos mulheres, ainda inseguras, mas com uma bagagem de vida de uma importância ímpar. Agradecemos a todos os funcionários, técnicos da universidade, em especial ao nosso lindo Renato Hennys responsável pelas imagens e edição da nossa reportagem. Agradecemos a ele toda a paciência, todas as sugestões, todas as boas conversas e as risadas quando saíamos para gravar. Renato é um exemplo de competência e profissionalismo e um homem admirável.

Dizem que a gente não faz amigos, reconhece-os. Temos que concordar. Durante esses quatro anos, reconhecemos amigos que levaremos para sempre. Amigos que estão nas horas tristes e nas horas de êxtase de felicidades. Destacamos a importância dos nossos colegas de sala, mas salientamos que entre eles merecem destaque alguns amigos, um grupo seletivo que abraçamos com todo amor. A Bismarck Viana, Carmem Nascimento, Lourival Salviano, Kiara Duarte e Larissa Dantas, os nossos mais sinceros agradecimentos por fazerem parte de momentos das nossas vidas que ficarão eternizados.

Eu, Ana Cláudia, agradeço as minhas amigas-irmãs, Micaelly Sousa e Midiã Rocha por estarem presentes nos momentos bons e ruins. Amor, respeito, sinceridade, e incentivo

sustentaram nossa amizade até aqui, e sustentarão por longos anos. À Miss Josélia, mulher que é um exemplo para mim e que sempre me tratou como sua filha. A Mario Arthur, que me fez acreditar que era possível e me disse para aguentar firme, porque eu iria conseguir. Agradeço-te muito e espero um dia poder fazer por você, pelo menos, metade do bem que você já me fez.

Por fim, agradecemos aos nossos entrevistados o psicólogo RossandroKlinjey, o advogado Luciano Nascimento, as vítimas que aceitaram gravar seus depoimentos, a professora Lígia Pereira, e a delegada da Mulher de Campina Grande, Hertha França. Estendemos nossos votos de gratidão também atodos que torceram para que Maria Bonita ganhasse vida, a todos os colegas e amigos que nos enviaram referências bibliográficas, notícias sobre o assunto, sugestões de entrevistados, ao colega Adriano César que nos apresentou uma de nossas fontes, a Phillipe Araújo por nos acordar sempre com alguma notícia sobre o tema que nos ajudaria a construir nosso projeto e principalmente a todas as mulheres que viram em nós sinônimos de confiança para abrirem seus corações, desnudarem seus medos e confessarem as violências contra seus corpos.

A todos, nosso muito Obrigado. Nós não viemos até aqui para desistir agora!

RESUMO

Este relatório aborda a elaboração de uma reportagem especial intitulada Maria Bonita, que tem como tema central a violência sexual contra a mulher. Para tratar a violência contra o corpo feminino realizamos pesquisa bibliográfica e entrevistas com vítimas desse tipo de crime. Foram realizadas também entrevistas com um especialista da área jurídica, um psicólogo, uma delegada e uma doutora em educação, que aborda em vários de seus estudos a violência contra a mulher. O objetivo principal do produto midiático apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso é tornar visível o assédio e a violência sexual contra a mulher e o impacto causado por esse crime na vida das vítimas. No relatório descrevemos todos os passos para a execução da reportagem especial desde a pesquisa, captação e edição de imagens. O trabalho justifica-se pela relevância social do tema e o impacto que a problemática traz para o direito, a educação, a medicina e a sociedade como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem. Mulher. Violência Sexual.

RESUMEN

Este informe se refiere a la preparación de un informe especial titulado Maria Bonita, que tiene como tema central la violencia sexual contra las mujeres. Para hacer frente a la violencia contra el cuerpo de la mujer fue llevado a cabo una revisión bibliográfica y entrevistas con las víctimas de este delito. También se realizaron entrevistas con un experto en el área legal, un psicólogo, una policía y una doctora en educación, que abordan varios de sus estudios sobre la violencia contra las mujeres. El objetivo principal de la reportaje especial designado como Trabajo Final de Curso fue hacer visible el caso y la violencia sexual contra las mujeres y mostrar el impacto de este delito en la vida de las víctimas. En el presente trabajo se describen los pasos para la implementación del informe especial de la investigación, la captura y edición de imágenes. El trabajo se justifica por la relevancia social del tema y el impacto que trae para la ley, la educación, la medicina y la sociedad en su conjunto.

PALABRAS CLAVE: Reportaje. Mujer. Violencia Sexual.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gravação das passagens no Museu dos Três Pandeiros	25
Figura 2 - Repórter filmada em primeiro plano	25
Figura 3- Edição e montagem final da reportagem.....	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS	13
2.1	OBJETIVO GERAL	13
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3	JUSTIFICATIVA	14
4	PÚBLICO-ALVO	15
5	ORÇAMENTO PRELIMINAR	16
6	CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	17
7	FUNDAMENTAÇÃO	18
7.1	MARIA BONITA	18
7.2	REPORTAGEM ESPECIAL	20
8	PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO	23
9	DETALHAMENTO TÉCNICO	24
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	30
	ANEXOS	31
	ANEXO A – PAUTAS	31
	ANEXO B – ROTEIRO PARA A CAPTAÇÃO DE ÁUDIO E VÍDEO	36
	ANEXO C – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM	39

1 INTRODUÇÃO

Duas mulheres, amigas, com perfis distintos, uma delas vivendo um casamento infeliz, dona de casa, vive sob o poder do marido que dita as regras da vida de sua esposa que já está cansada de viver sob o domínio do companheiro, esta é Thelma. Louise é uma garçonete solteira, que apesar de viver em um ambiente cercada de homens possui uma certa frieza com relacionamentos. Para fugirem da rotina resolvem viajar. Thelma, escondida do marido acaba bebendo de mais e caindo nos braços de um sedutor que tenta forçar relações sexuais. Louise para defender a amiga do sofrimento de ser violentada mata o estuprador. Com medo e certas de que as autoridades não acreditariam que o crime foi em legítima defesa, às mulheres passam a ser foragidas em uma trama de ação e ventura que acaba de forma trágica. Thelma e Louise preferem se suicidar ao ter que pagar por um crime onde a princípio são vítimas.

O filme americano do diretor Ridley Scott, mostra como o corpo feminino está vulnerável e ainda é tratado como objeto de consumo mesmo contra a vontade da mulher. Com base e inspiradas na obra resolvemos produzir uma reportagem especial com histórias de mulheres como Thelma e Louise, vítimas do assédio e da violência sexual.

Partindo do pressuposto de que a sociedade contemporânea tida como moderna ainda carrega consigo marcas de um sistema patriarcal, baseando-se no pensamento de que a culpa pela violência simbólica e a submissão forçada ainda pertence ao sexo feminino, o agressor muitas vezes inocentando em decorrência da justificativa de sua constante necessidade de reafirmar sua virilidade, a reportagem especial que elaboramos procura dar visibilidade a violência sofrida por mulheres na cidade de Campina Grande.

Para promover um debate sobre o tema produzimos uma reportagem especial com 10 minutos e 33 segundos com depoimentos de vítimas e entrevistas com especialistas, que abordaram o tema de acordo com a sua especialidade como o psicólogo, o advogado, a delegada da mulher e uma professora da Universidade Estadual da Paraíba, que pesquisa sobre educação e violência de gênero.

Intitulada Maria Bonita, a Reportagem Especial ganhou esse título por Maria ser um nome comum entre as mulheres e Bonita por se tratar do corpo feminino, pois em nossa abordagem acreditamos que a beleza feminina ultrapassa qualquer tipo de estereótipo imposto, principalmente pela mídia, dessa forma para preservação da identidade das vítimas resolvemos chamá-las de Marias Bonita.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Produzir uma reportagem especial para tornar visível a violência sexual contra a mulher e o impacto causado por esse tipo de crime na vida dessas mulheres.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Buscar e compreender a violência praticada contra os corpos femininos através de leituras e de depoimentos das vítimas;
- b) Produzir uma reportagem especial em vídeo a fim de chamar a atenção da sociedade sobre o problema e a importância do debate em busca de soluções;
- c) Entrevistar especialistas que possam contribuir para a compreensão do problema da violência contra a mulher.

3 JUSTIFICATIVA

Justificamos a escolha da temática devido à necessidade de alertar e conscientizar a sociedade a buscar um maior entendimento da problemática que envolve a violência sexual contra a mulher.

Academicamente, o trabalho foi pensado a fim de provocar o diálogo. No âmbito comunicacional queremos reflexões acerca das práticas jornalísticas para que estas sejam mais humanas e responsáveis no tocante ao jornalismo diário mostrado, principalmente, conhecendo como este pauta a questão da violência sexual.

4 PÚBLICO-ALVO

A reportagem especial “Maria Bonita” é voltada a sociedade como um todo já que visamos chamar a atenção do tema de acordo com os impactos que ele causa na vidas das milhares de mulheres que diariamente são vítimas do abuso e da violência sexual.

Acreditamos que para desconstruir o modelo atual marcado pelas diferenças simbólicas envolvendo homens e mulheres é necessário todo um processo de conscientização seja na família, na escola, no estado e na mídia.

SORÇAMENTO PRELIMINAR

Os custos para a produção da reportagem se deram basicamente pelos deslocamentos das alunas para a central de aulas, alimentações durante os dias de gravação e edição e a produção estética da repórter neste item destacaram-se vestuário, e salão de beleza.

A captação e edição de imagens foram realizadas com equipamentos disponibilizados pela Universidade Estadual da Paraíba, que também disponibilizou a equipe técnica.

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
DESLOCAMENTO MOTO TÁXI	10	R\$ 5,00	R\$ 50,00
DESLOCAMENTO DE ÔNIBUS	60	R\$ 2,10	R\$ 125,00
ALIMENTAÇÃO	06	R\$ 10,00	R\$ 60,00
PROD(REPÓRTER) VESTUARIO CABELO UNHA SOBRANCELHA	04	R\$ 90,00 R\$ 25,00 R\$ 21,00 R\$ 15,00	R\$ 151,00
			R\$ 386,00

6 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

ATIVIDADE	MAIO/2014	JUNHO/2014	JULHO/2014
PESQUISA (leituras)	X	X	
PRÉ-PRODUÇÃO (Primeiro contatos com os entrevistados, busca de fotos)		X	X
Gravação das sonoras e imagens		X	X
Decoupage			X
Produção de texto			X
Gravação de Off			X
Edição			X
Finalização			X
Produção do relatório		X	X
Entrega e exibição do material			x

7 FUNDAMENTAÇÃO

7.1 MARIA BONITA

Os assédios diários praticados contra mulheres nas ruas, avenidas e transportes públicos das cidades brasileiras nos motivam a buscar respostas para o entendimento dos altos índices de violência sexual relatados pelo sexo feminino independente de cor, raça ou classe social.

A diferença entre os homens e mulheres ultrapassa o segmento biológico chegando ao âmbito sexual, é a partir dessa relação que se explica como o homem vê e se apropria do corpo feminino. Segundo Foucault (1999) essa autonomia masculina está centrada no fato de que as relações sexuais a partir do século XVII não buscam somente a reprodução, ela está intrinsecamente ligada a força de um poder do masculino sobre o feminino.

A sexualidade está ligada a dispositivos recentes de poder, esteve em expansão crescente a partir do século XVII; a articulação que a tem sustentado, desde então, não se ordena em função da reprodução; esta articulação, desde a origem, vinculou-se a uma intensificação do corpo, à sua valorização como objeto de saber e como elementos nas relações de poder (FOUCAULT, 1999, p. 101-102).

Na mesma linha de pensamento Foucault, Pereira (2012, p. 191) apresenta a justificativa. A diferença biológica entre os sexos para ela confirma a dominação do homem e coloca a mulher em mundo completamente oposto. “A dualidade entre os sexos tendo por base as diferenças biológicas da corporeidade são fundamentos que confirmaram a dominação masculina, engendrando mulheres e homens como pertencentes a mundos distintos”.

Em abril de 2014, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada- IPEA divulgou um estudo realizado em 2013, que apontava que 65% dos brasileiros concordavam que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. O resultado causou indignação, mobilizou a sociedade e teve ampla repercussão nos meios de comunicação desencadeando nas redes sociais a campanha “não mereço ser estuprada” com fotos de mulheres mostrando seus corpos e segurando placas em que expunham a sua indignação.

Nove dias após a divulgação do resultado, o IPEA¹ admitiu que o número estava errado e que era 26% e não 65% dos brasileiros que admitiam concordar com o absurdo de que “mulheres com roupas que mostram o corpo mereciam ser atacadas”.

De acordo com o Código Penal, artigo 213, estupro é “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. Matéria publicada no site da revista *Veja*² afirma que no Brasil ocorreram em 2012 mais de 50 mil casos de estupro com mais vítimas deste tipo de crime do que de homicídio doloso.

Ressaltando o fato de que o domínio masculino está na sociedade contemporânea como sinônimo de poder, Bourdieu (2010, p. 65) confronta em sua obra “a dominação masculina”, as relações de virilidade e a necessidade do homem de comprovar ser viril para outros, um dos principais motivos da tolerância a violência simbólica. “A virilidade tem que ser validada pelos outros homens”.

Para Pereira (2012), a violência no âmbito familiar ou até mesmo na rua, os abusos sofridos por mulheres trazem sentimentos como medo e insegurança e a sensação de abandono. O que reflete o sentimento de milhares de mulheres vítimas do abuso e da violência sexual.

Diante disso, nos chama a refletir Bourdieu quando afirma que a mulher é tida como objeto de disponibilidade. O estudioso diz que a mulher é percebida sim, porém apenas enquanto objeto simbólico e deve permanecer apagada alimentando a violência do patriarcado e a dominação do ser homem.

A dominação masculina que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser é um ser percebido, tem por objetivo coloca-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. (BOURDIEU, 2010, p.82)

O que observamos é que o corpo da mulher é violentado não apenas na rua, por desconhecidos, o crime de estupro, por exemplo, é praticado por pais que forçam relações com suas filhas, maridos que não respeitam a negação e a falta de vontade de suas esposas, os

¹Ipea errou: 26%, e não 65%, concordam que mulheres com roupas curtas merecem ser atacadas. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/ipea-errou-26-e-nao-65-concordam-que-mulheres-com-roupas-curtas-merecem-ser-atacadas>. Acesso em 21 jul. 2014

² Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/dilma-numeros-de-casos-de-estupro-estao-subestimados>

namorados que impõem o seu poder de dominação e o padrão para com suas empregadas, causando a submissão feminina, o medo, e a vergonha de aceitar-se enquanto objeto sexual.

Em *Mulher e Violência - Histórias do Corpo Negado*, Pereira (2008) nos chama a reflexão quando nos propõe a questionar e visualizar a violência em diversas esferas, seja no seio familiar, local onde a vítima deveria se sentir segura, seja na rua, seja no trabalho.

É aqui também onde a autora questiona o amor. Este sentimento que traz para a mulher todo um significado de confiança é colocado em dúvida quando a violência deixa marcas em seu corpo. É possível amar alguém que foi capaz de invadir o corpo alheio contra sua vontade? A autora questiona:

Qual o significado de amor para mulheres, num mundo onde são usadas como se fossem objetos? Corpos silenciados pelo poder paterno e materno. Corpos controlados pelo namorado, marido, amante, padrão. Corpos confusos no que se refere a relação com a sogra. Corpos que são estuprados pela família supostamente protetora? (PEREIRA, 2008, p.138).

A resposta aos questionamentos é apresentada por Pereira (2008) quando nos diz que o poder é ao mesmo tempo visível e invisível. Sendo assim as mulheres acabam se sujeitando a violência simbólica e não se rebelando contra os abusos.

Lembrar os traços que a dominação imprime perduravelmente nos corpos e os efeitos que ela exerce através deles não significa dar armas a essa maneira, particularmente viciosa, de ratificar a dominação e que consiste em atribuir as mulheres a responsabilidade de sua própria opressão, sugerindo, como já se fez algumas vezes, que elas escolhem adotar práticas submissas ou mesmo que elas gostam dessa dominação, que elas se deleitam com os tratamentos que lhes são infligidos, devido a uma espécie. Pelo contrário, é preciso assinalar não só que as tendências a submissão dadas por vezes para culpar a vítima são resultantes das estruturas objetivas como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e contribuem para sua reprodução. (BORDIEU, p. 52)

Com base nesse silenciamento do corpo que apesar de negado sofreu o domínio e ficou presa a submissão é comum à sociedade sob as leis patriarcais, apontar a mulher como culpada e não vítima da violência sofrida. E assim acontece com as motivações apontadas ora a roupa provocante, o local inapropriado, o horário e assim sucessivamente, mas, Bourdieu alerta que os motivos pelos quais a sociedade coloca na mulher toda a responsabilidade dos sofrimentos corporais sofridos é a reprodução dos valores advindos do patriarcalismo.

7.2 REPORTAGEM ESPECIAL

Maria Bonita é um produto midiático no formato de Reportagem Especial em TV que retrata através de depoimentos colhidos por meio de entrevistas a realidade sobre a violência sexual contra a mulher no Brasil com ênfase na cidade de Campina Grande.

Para Barbeiro (2002), a reportagem tem o poder de impressionar o telespectador através das ações do entrevistado.

A entrevista em televisão tem o poder de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a exposição da intimidade do entrevistado. Os gestos, o olhar, o tom de voz, o modo de se vestir, a mudança no semblante, influenciam o telespectador e a própria ação do entrevistador, que ao adquirir experiência consegue tirar do entrevistado mais do que ele gostaria de dizer. (BARBEIRO, 2002, p.45).

Sodré (1986, p. 15) nos apresenta algumas características da reportagem que serviram de modelo para a criação do produto midiático. As principais características apontadas pelo autor são:

- a) predominância da forma narrativa;
- b) humanização do relato;
- c) texto de natureza impressionista;
- d) objetividade dos fatos narrados.

O processo de criação da reportagem especial Maria Bonita foi inspirado em alguns formatos atuais de telejornalismo que foge ao tradicional.

Desde o principio queríamos que a pauta fosse centrado no humano e em como explorar a sensibilidade e não somente expor de forma fria os dados colhidos, os depoimentos de vítimas, assim como a opinião dos especialistas.

Para Medina (1999), o protagonismo de uma reportagem por pessoas simples do cotidiano traz um interesse a mais. É como se o telespectador se sentisse representado, por isso analisamos durante a produção que as mulheres, ao verem os depoimentos se sentirão de alguma forma representada pelas vítimas que tiveram a coragem de falar. Medina diz que o segredo de uma boa reportagem é contar uma boa história.

De certa forma, a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não tem voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional [...] contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem. (MEDINA 1999, p. 28).

Programas como Profissão Repórter da Rede Globo e a Liga, da Rede Bandeirantes chamaram nossa atenção devido ao tratamento que é dado as fontes. No primeiro, o formato foge dos parâmetros tradicionais trazendo os bastidores da notícia, toda a pré-produção, a inserção do repórter no mundo da fonte, a colocação do profissional e do telespectador no lugar do entrevistado gerando sentimento de empatia.

Para chegar a esse objetivo a linguagem adotada deve ter um tom coloquial, pois em televisão, a reportagem deve ser como uma conversa, onde quem assiste entende a mensagem que está sendo transmitida.

Sobre isso, Paternostro (2006) explica os cuidados que se deve ter ao escrever o texto que vai ao ar:

O jornalista deve “contar” os acontecimentos do cotidiano de uma maneira que toda a sociedade entenda como se estivesse conversando com uma pessoa. É para ela que vai transmitir suas informações. Com essa ideia na cabeça, fica mais fácil escrever um texto que se deve ser assimilado instantaneamente por milhões de telespectadores. (PATERNOSTRO, 2006, p.94).

A escolha dos temas abordados em ambos os programas também foi essencial durante os estudos sobre a reportagem. O Profissão Repórter mostra que a escolha do tema é antes de tudo entender a relevância social e como esta mesma vai impactar o telespectador, por isso entendemos que a temática violência sexual contra a mulher merecia mais tempo, atenção e predisposição.

As entrevistas foram realizadas apropriando-se do gênero documental, sem a captação da imagem do repórter, porém o mesmo estava presente olho a olho com o entrevistado. Para Lage (2004, p.49) “é tarefa dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas”.

Sodré(1986, p. 64) diz que a reportagem documental expõe a pesquisa realizada e apoia-se em dados que fundamentam o tema abordado “e o relato documentado, que apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado”.

E reforça:

Comum no jornalismo escrito, esse modelo é mais habitual nos documentários de televisão ou do cinema. A reportagem documental é expositiva e aproxima-se da pesquisa. Às vezes, tem caráter denunciante. Mas, na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquire cunho pedagógico e se pronuncia a respeito do tema em questão. (SODRÉ, FERRARI, 1986, p.64).

Maria Bonita foi criada, então, como documento de registro de casos de violência sexual contra a Mulher em Campina Grande.

8 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

Dividimos o nosso trabalho em quatro fases. A primeira consistiu em pesquisar sobre o tema, conhecendo os autores que pautam sexualidade e/ou o estudo de gênero, assim como relembramos os conceitos da comunicação. Na segunda realizamos a pré- produção, onde decidimos quem seriam os entrevistados. Nessa fase estabelecemos as pautas a serem cumpridas, deixando tudo encaminhado para os dias de gravação. Foi nessa fase onde conhecemos as vítimas e suas histórias assim como os profissionais da área da psicologia, do direito e da educação.

Na terceira fase, priorizamos a gravação e a edição. A captação de imagens e depoimentos iniciou-se no dia 18 de junho de 2014 com os depoimentos das vítimas, posteriormente com a entrevista com o psicólogo Rossandro Klinje, o advogado Luciano Nascimento, a Professora Doutora em Educação Lígia Pereira, e por fim, a delegada da mulher Hertha França, que no dia 03 de julho de 2014 nos concedeu entrevista.

As passagens da repórter foram gravadas no Museu de Arte da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) ou Museu dos Três Pandeiros. A escolha do local se deu devido ao mesmo estar localizado as margens do açude velho, cartão postal da cidade. Essa fase foi concluída com a edição do material ajustando passagens do repórter as falas dos entrevistados no dia 17 de julho de 2014.

Por último, nos dedicamos à descrição das atividades realizadas durante a produção da reportagem, que resultou no relatório, processo indispensável no cumprimento as normas para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

9 DETALHAMENTO TÉCNICO

Após a primeira reunião entramos em contato com os entrevistados. Desde o início queríamos fontes seguras, especialistas que compreendessem e abordassem o tema de forma didática.

O primeiro contato com os entrevistados foi por telefone e depois pessoalmente, o que foi necessário em alguns casos para a criação das pautas (ANEXO A).

Em conversa com a orientadora, definimos os direcionamentos da gravação desde as sonoras até a captação das imagens, função essa que ficou sob a responsabilidade do técnico do Laboratório de Telejornalismo Renato Hennys.

Em nosso roteiro original queríamos a opinião de integrantes de movimentos feministas da cidade, mas em contato com dois grupos não obtivemos resultado, assim também como foi frustrada a nossa tentativa de conversa com a representante do Centro de Referência da Mulher, apesar de inúmeras ligações feitas para a direção e de uma visita feita ao local. A mesma nos informou que não queria ter a sua imagem “usada”.

O início das gravações se deu em 18 de junho de 2014, baseado em um roteiro específico (ANEXO B), com os depoimentos das vítimas e do psicólogo, neste dia, durante todo o período matutino estivemos em campo para a realização das entrevistas. Estivemos frente a frente com as vítimas e foi também nesse dia que pudemos sentir o quanto foi e é difícil falar sobre a violência que sofreram.

Foi decidido que as imagens das vítimas seriam preservadas, pois um dos grandes desafios encontrados durante a produção de Maria Bonita não foi localizar vítimas, encontramos várias, mas que por vergonha não queriam se expor. Sendo assim, escolhemos fazer uso das ferramentas técnicas do jornalismo de televisão para preservar a identidade das nossas Marias, uma delas foi o uso de gravação do plano silhueta, conhecido como plano sombra, também neste caso usamos o recurso de alteração de voz para o não reconhecimento.

Com a primeira vítima, onde o depoimento é carregado de emoção, optamos pela captura de imagens em plano detalhe, este, como o próprio nome diz se configura na gravação de detalhes do corpo do entrevistado, escolhemos o cabelo, as mãos e o olho.

O depoimento do advogado foi gravado no auditório do Centro de Ciências Jurídicas da UEPB. A Delegacia da Mulher foi cenário para a entrevista da delegada e o consultório para a fala do psicólogo. A locação de gravação das vítimas também foi preservada.

Figura 1 – Gravação das passagens no Museu dos Três Pandeiros



Foto: Ana Cláudia Cavalcante, 2014

Figura 2 – Repórter filmada em primeiro plano



Foto: Ana Cláudia Cavalcante, 2014

As gravações encerram-se no dia 03 de julho de 2014 com o depoimento de Hertha França, delegada da mulher da cidade. Todas as datas e horários foram estabelecidos de acordo com a disponibilidade dos nossos entrevistados. Alguns imprevistos aconteceram, mas no final tudo se ordenou. Seguimos os processos burocráticos da UEPB, que disponibilizou o transporte para deslocação da equipe. Fomos aos locais combinados munidos não só de

perguntas e equipamentos necessários, mas de documentos como a autorização do uso de imagem (ANEXO C).

Por último tivemos o processo de edição. No dia 17/07 durante os turnos manhã e tarde, a equipe, juntamente com o técnico Renato Hennys deu forma a reportagem introduzindo as passagens do repórter em alinhamento as falas dos entrevistados. Foi nessa fase que escolhemos a trilha sonora, as fontes usadas nos caracteres dos dados colocados na tela, os créditos e também a hierarquização dos entrevistados.

Para Paternostro(2008), é na edição que a reportagem ganha o formato final. É onde é realizada a lapidação do material que pouco a pouco recebe forma e estilo.

Edital é dar sentido ao material bruto. É montar a matéria: selecionar imagens e sons e colocar imagens e sons selecionados em uma forma lógica, clara, objetiva, concisa, de fácil compreensão para o telespectador. (PATERNOSTRO, 2008,p.162).

Um dia antes foi feita a decupagem, procedimento que consiste em lapidar o produto bruto, escolhendo as falas consideradas mais importantes, haja vista que durante as entrevistas houve um diálogo bastante longo e proveitoso com todos os que foram ouvidos. Tínhamos 52 minutos de gravação em entrevistas, com a escolha das principais falas passamos a trabalhar com a montagem final.

Figura 3 – Edição e Montagem final da reportagem.

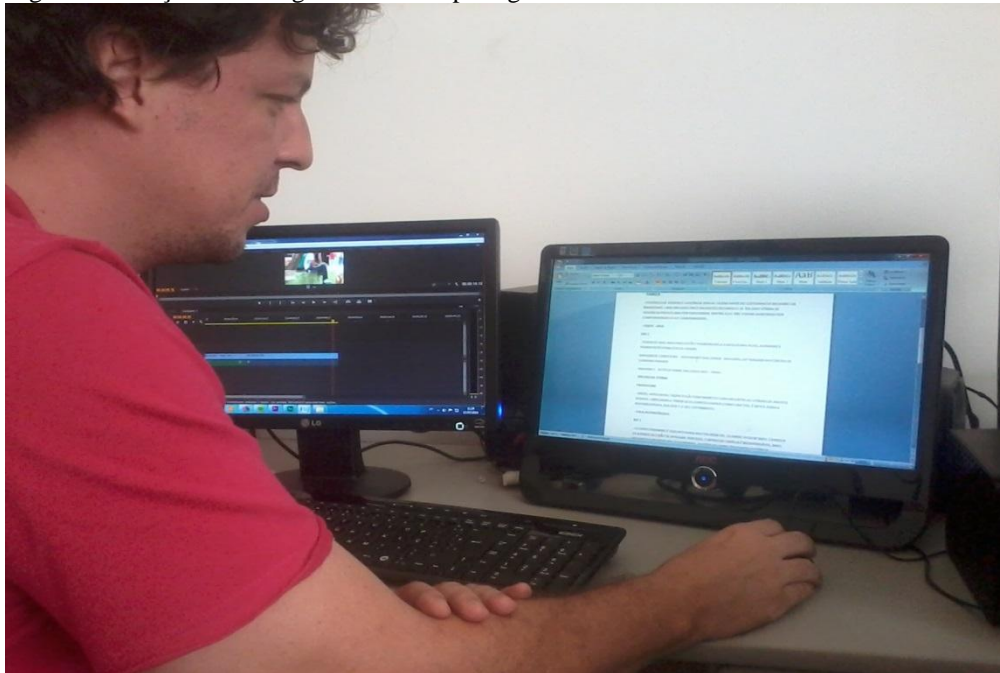


Foto: Ana Cláudia Cavalcante, 2014.

Em roteiro pré- estabelecido, decidimos que iniciariamos com a entrevista do psicólogo após apresentação de dados e o depoimento das vítimas, vindo então a fala da

professora Ligia Pereira, as informações da delegada da mulher e em seguida do advogado, pois o que queríamos era expor um material dotado de informações que ajudasse o telespectador entender a vítima, os danos causados, como procurar ajuda e o motivo pelas quais muitas vítimas não procuram essa ajuda.

A finalização de Maria Bonita se deu com a transcrição das nossas atividades para este relatório, processo que incluiu desde a ideia, a execução da mesma, as leituras realizadas, o planejamento e a execução etapas indispensáveis que resultaram no nosso Trabalho de Conclusão de Curso-TCC.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que foi de um aprendizado ímpar dedicar a nossa conclusão de curso a realização dessa reportagem. Este produto midiático nos fez refletir sobre todos os ensinamentos adquiridos durante a nossa passagem pelo departamento de Comunicação Social.

Maria Bonita não foi só um trabalho final, foi um marco nas nossas vidas enquanto profissionais. Foi uma forma de alimentar o entendimento diário da sociedade em que vivemos, refletindo a cerca das problemáticas que nos rodeiam e uma maneira de chamar a atenção dessa mesma sociedade para a reflexão de questões sociais como a violência contra a mulher.

Foi gratificante saber que a informação é uma ferramenta importante de transformação de um povo. Através de nossas pesquisas compreendemos ainda mais a importância da sociologia, a filosofia e a psicologia que atreladas aos conhecimentos jornalísticos resultaram nesse produto que ficará nos anais da biblioteca como um objeto de estudo para as futuras gerações de comunicadores sociais.

Desejamos ter contribuído, através dos objetivos propostos com a reflexão do tema, ajudando vítimas que contaram as suas histórias, pois sabemos que o que verdadeiramente elas queriam, além de um desabafo, era mostrar que vivenciaram momentos ruins e que desejam que esses mesmos momentos sejam abolidos para que cada vez menos mulheres, crianças e jovens não precisem também sentir a mesma angústia que sentiram.

No tocante a produção, consideramos ainda que Maria Bonita estará, assim como o seu próprio subtítulo, como um retrato do que ainda poderemos fazer durante a nossa carreira profissional e dessa forma torcemos para que nos seja dada essa oportunidade de, através de instrumentos de modificação, transformar o cenário jornalístico em algo mais humano.

Vale ressaltar ainda todo o processo de conscientização pelo qual passamos durante a dedicação a esse Trabalho de Conclusão de Curso desejamos que a realidade não só em relação a violência sexual contra a mulher, como todo e qualquer tipo de violência seja combatida.

Com os objetivos alcançados, queremos, por fim deixar registrado todo o nosso orgulho perante a nossa criação. Maria Bonita nos traz a sensação de dever cumprido, pelo menos momentaneamente. Concluimos esta etapa com a certeza de que todas as leituras e todas as práticas jornalísticas executadas foram resultados de quatro anos de uma estrada trilhada com muito esforço e dedicação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. Jornalismo humanizado: o ser humano como ponto de partida e chegada do fazer jornalístico. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, IX. **Anais...**Guarapava. Maio/2008.
- BARBEIRO, Paulo Rodolfo de; LIMA, Heródoto. **Manual de telejornalismo** – os segredos da notícia na tv. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual do telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.
- PEREIRA, Ligia. Maternidade Versus Paternidade: por um diálogo docente com a corporeidade. In: HERMIDA, Fernando Jorge; ZOBOLI Fábio. **Corporeidade e Educação**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Helena Maria. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.
- THELMA & Louise**. Direção: Ridley Scott. Fox Filme, 1991. 1DVD. 129 minutos, son., color.

ANEXOS

ANEXO A– PAUTAS

Pauta, Reportagem Especial “Maria Bonita”

Retranca: Delegacia/Violência Sexual

Repórter: ThamiresTamares

Produtora: Ana Cláudia Cavalcante

Roteiro: Dia 03/07, às 10h, na Delegacia da Mulher.

Entrevistada: Hertha França, Delegada – Fone: (83)

Proposta: Discutindo sobre a violência sexual contra a mulher, a reportagem especial “Maria Bonita” deseja abordar nesta entrevista como a delegacia atua relação a estes tipos de crime e esclarecer para a população em geral a importância de denunciá-los. A entrevistada a delegada Herta França, responsável pela Delegacia da Mulher da cidade de Campina Grande.

Encaminhamento: Como esclarecido anteriormente, a pauta tem como objetivo esclarecer a atuação da Delegacia da Mulher e o processo de investigação destes crimes. Se possível, a repórter deve questionar a entrevistada sobre dados e registros de violência sexual na cidade. Esta entrevista tem como foco a conscientização para a denúncia.

Pauta, Reportagem Especial “Maria Bonita”

Retranca: Psicologia/ Estupro

Repórter: Thamires Tamares

Produtora: Ana Cláudia Cavalcante

Roteiro: 18/06 09:00h, Clínica Reabilitar

Entrevistado: Rossandro Klinjey, Psicólogo, Fone da clínica (83) 3341- 2317

Proposta: A vítima de estupro carrega, além das marcas físicas, cicatrizes emocionais que tendem a durar anos, podendo afetar diversas áreas de sua vida. Por isso, além da denúncia para que estes crimes sejam elucidados, é importante que seja procurada ajuda psicológica.

Responsável pelo acompanhamento e pela tentativa de ajudar uma mulher a sobreviver após este trauma, a psicologia também pode entender e pautar quais seriam os possíveis perfis de um esturador. O entrevistado será o psicólogo clínico Rossandro Klinjey, responsável pela clínica Reabilitar.

Encaminhamento: Esta entrevista terá como objetivo explicar a importância da intervenção psicológica, para que os traumas sofridos pela vítima sejam tratados, e esclarecer quais motivos levam um indivíduo a cometer tais crimes.

Pauta, Reportagem Especial “Maria Bonita”

Retranca: Vítima/Assédio

Repórter: Thamires Tamares

Produtora: Ana Cláudia Cavalcante

Roteiro: 18/06 11:00 h

Entrevistada: vítimas

Proposta: As vítimas, protagonistas das tristes estatísticas sobre violência sexual, deve ser ouvida e sua história pode ser contada. A declaração de um assédio sofrido ainda na infância, dos traumas que ainda assolam a mente e da dificuldade encontrada para denunciar este tipo de crime serão a base destas entrevistas, que serão concedidas pelas jovens. A primeira vítima de estupro provocada pelo namorado e a segunda assediada por um cobrador de ônibus no interior do veículo.

Encaminhamento: As entrevistadas deverão contar suas histórias livremente. Devem ser questionadas sobre o momento e sobre as lembranças pós-violência, isto deve ser feito da forma menos invasiva possível. Também devem ser questionadas sobre as tentativas de denúncias e como foram os procedimentos na delegacia especializada. As imagens devem ser feitas em silhueta e/ou plano detalhe, e na edição a voz será distorcida, para preservar as identidades das mesmas.

Pauta, Reportagem especial “Maria Bonita”

Retranca: Direito/Estupro

Repórter:ThamiresTamares

Produtora: Ana Cláudia Cavalcante

Roteiro:26/06 Centro de Ciências Jurídicas - UEPB

Entrevistado: Luciano Nascimento Silva, Advogado, fone (83)9932 – 4766

Proposta: Sabendo que houve modificação no Código Penal Brasileiro na lei que trata sobre estupro, vamos saber do profissional da área do direito, o Doutor em Ciências Jurídicas sobre essa nova abrangência.

Encaminhamentos – Iremos questionar o advogado sobre a nova lei 213que trata sobre crimes sexuais. O que antes era considerado estupro e o que hoje pode se configurar como o crime. Através dessa entrevista buscaremos compreender como a justiça atua em casos de denúncia e porque as mulheres ainda sentem receio em procurar os órgãos judiciais.

Retranca: Educação/ Gênero

Repórter:ThamiresTamares

Produtora: Ana Cláudia Cavalcante

Roteiro:01/07 Biblioteca CIAI - UEPB

Entrevistado: Lígia Pereira (autora do livro Mulher e Violência: Histórias do corpo negado)

Proposta: Conhecendo o trabalho da professora, iremos buscar respostas para os seguintes questionamentos: Como a violência masculina é alimentada na sociedade contemporânea? Quais as consequências dessa violência na mulher durante a vida adulta e qual o papel da família?

Encaminhamentos: A entrevista será realizada na biblioteca de comunicação da Central de Aulas e consistirá em uma conversa da distinção na forma de educar homens e mulheres e como isso impacta na violência praticada contra os corpos femininos.

ANEXO B– ROTEIRO PARA A CAPTAÇÃO DE ÁUDIO E VÍDEO

ÁUDIO	VÍDEO
Depoimento da primeira vítima, contando sobre a tristeza de ter sofrido este tipo de violência por alguém em que ela confiava.	- Imagens a vítima, feitas em plano detalhe.
PASSAGEM DE ABERTURA - Esta é a história de Maria Bonita. A jovem, violentada sexualmente pelo próprio namorado, é mais uma que virou estatística em casos de estupro em campina grande.	- Repórter, sentada, em plano americano. Açude Velho como plano de fundo.
OFF 1- Todos os dias mulheres estão vulneráveis a ataques nas ruas, avenidas e transportes públicos da cidade.	- Imagens de mulheres no centro da cidade. Importante captar as imagens, sem que seus rostos sejam revelados.
DEPOIMENTO DA VÍTIMA 2 – Onde aconteceu? Como foi a aproximação do estuprador? Qual a reação da vítima no momento do assédio?	- Vítima gravada em plano silhueta.
PASSAGEM 2 - Episódios de assédio e violência sexual fazem parte do cotidiano de milhares de brasileiras. uma em cada cinco mulheres reconhece ter sido vítima de violência provocada por um homem, dentre elas 78% foram agredidas por companheiros ou ex companheiros.	- Passagem será gravada no calçadão do Açude Velho. Repórter deve ser bem posicionada, para que dados e referências à passagem sejam colocados em tela, na edição.
ENTREVISTADO : PSICÓLOGO – Qual a importância de uma intervenção psicológica após um estupro?	- Entrevistado em ângulo normal. Imagens serão captadas no consultório do Psicólogo.

<p>PASSAGEM 2 - Medo, vergonha e silêncio são sentimentos comuns entre as vítimas de abusos sexuais. obrigadas a terem seus corpos usados como objetos, é difícil para a mulher expor a sua dor e o seu sofrimento.</p>	<p>- No início da passagem a repórter será filmada em primeiro plano e, em seguida, finalizará a passagem em primeiríssimo plano. Interna no Museu dos Três Pandeiros.</p>
<p>OFF 2 -o corpo feminino é assunto para muitos debates. quando violentado, este carrega cicatrizes que não se apagam, por isso, o apoio da família é indispensável. mas, segundo a professora lígia pereira, autora do livro “mulher e violência, histórias do corpo negado”, a família é também a principal causadora de insegurança na vítima.</p>	<p>- Mais imagens de mulheres no centro da cidade.</p> <p>Imagens da entrevistada em ângulo normal.</p>
<p>ENTREVISTADA: PROFESSORA – Qual o papel dos familiares da vítima de estupro? Como se portam em relação ao fato?</p>	<p>Imagens da entrevistada em primeiríssimo plano. A filmagem será feita na Biblioteca da CIA1.</p>
<p>PASSAGEM 3 - Para as autoridades policiais, a família ainda prefere não denunciar, fator que atrapalha as investigações.</p>	<p>Repórter em ângulo normal.</p>
<p>ENTREVISTADA: DELEGADA – Quais os dados recentes sobre das ocorrências de estupro?</p>	<p>Imagem da delegada, também em primeiríssimo plano. Gravação será feita na Delegacia da Mulher.</p>
<p>PASSAGEM 4 - Em 2012 o número de ocorrências de estupro foi de 50.617, número maior que os crimes de homicídio doloso.</p>	<p>Repórter em primeiro plano. Outros dados relacionados à passagem serão colocados em tela no momento da edição.</p>
<p>ENTREVISTADO: PSICÓLOGO – Qual o perfil e as características psicológicas de um estuprador? O que leva alguém a cometer este tipo de crime?</p>	<p>Mais imagens do entrevistado, que continuará em ângulo normal.</p>

<p>ENTREVISTADO: ADVOGADO – Segundo a nova lei, o que caracteriza um estupro?</p>	<p>Imagens do entrevistado em ângulo normal. A gravação será feita no auditório do CCJ – UEPB.</p>
<p>OFF 3 - Apesar de muitas ações de políticas públicas serem implantadas, a sensação de impunidade contribui para que os casos de violência sexual aumentem a cada dia as estatísticas</p>	<p>- Imagens de mulheres no centro da cidade.</p>
<p>ENTREVISTADA: VÍTIMA 2 – Como foi o processo de denúncia de assédio? Alguma queixa foi prestada?</p>	<p>- Imagens da vítima em silhueta</p>
<p>ENTREVISTADO: ADVOGADO – Como o direito se comporta mediante as alterações feitas em lei?</p>	<p>- Entrevistado em ângulo normal</p>
<p>PASSAGEM FINAL -O que se percebe é que a violência sexual contra mulheres cresce a passos largos, está em cada olhar assustado, no medo de andar sozinha e na vontade de que cada vez menos Marias bonitas precisem recorrer a Maria da Penha.</p>	<p>Repórter em primeiro plano.</p>

ANEXO C – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM